

Sobre a reconciliação – reflexões em torno do amor e do ódio

Aida Ungier¹

Resumo: A autora reflete sobre os embates entre amor e ódio na constituição da subjetividade. Apoia-se na contribuição de Winnicott sobre o conceito de *holding* e nas considerações de Jacques Derrida sobre o conceito de Hospitalidade para que este objetivo seja alcançado. O filme do diretor israelense Avi Nesher, *Segredos Íntimos*, (Hasodot, 2007) é utilizado para ilustrar sua argumentação.

Palavras chaves: Amor / ódio / *holding* / Hospitalidade (Derrida) / reconciliação

1 – Introdução

A literatura, ao longo de toda a aventura psicanalítica, tem sido uma aliada fiel no esforço de tornar dizível o fenômeno humano. Borges, ainda uma vez, com sua “visão privilegiada”, descreve aquilo que mais intimamente nos habita. Para tratar do amor e do ódio, tema desse arrazoado, ele canta:

Numa gaveta há um punhal. Foi forjado em Toledo, nos fins do século passado ... Quem o vê tem de brincar um pouco com ele ... a mão se apressa a apertar a empunhadura que a espera; a lâmina obediente e poderosa encaixa com precisão na bainha. Outra coisa quer o punhal. É mais que uma estrutura feita de metais; os homens o pensaram e o formaram para um fim muito preciso. É de algum modo eterno, o punhal que ontem à noite matou um homem em Tacuarembó e os punhais que mataram César. Quer matar, quer derramar brusco sangue. Numa gaveta da escrivaninha, entre rascunhos e cartas, interminavelmente, sonha o punhal seu singelo sonho de tigre, e a mão se anima quando o empunha, porque o metal se anima, o metal que presente em cada contato o homicida para quem o criaram os homens” (Borges, 1999, p.163).

Em cada um de nós, portanto, disfarçado entre papéis generosos, se esconde o homicida potencial, que pode ser revelado quando uma perda significativa nos avizinha da ferida imemorial e inelutável do desamparo. Para realizar o tresloucado gesto restamos a poesia ou os sonhos, nosso “delírio” noturno cotidiano. Os armeiros de Toledo se esmeravam para que o ferro fosse bem temperado e o fio cortante, na medida exata, ainda que na empunhadura e no gume arabescos e flores demonstrassem a arte de disfarçar a verdadeira vocação da arma: matar. Amor e ódio irmanados na paixão.

¹ Membro Efetivo da SBPRJ, Mestre em Teoria Psicanalítica pelo Instituto de Psicologia da UFRJ

Freud se deparou com a luta feroz entre Tanatus e Eros quando sua aguda observação clínica o fez questionar a necessidade da repetição de sonhos traumáticos, por aqueles que sofreram a dureza da frente de batalha e, então, já podiam dormir tranqüilos; quando manifestações sintomáticas reapareciam apesar de, supostamente, ter sido elaboradas; quando os afetos que permeavam as primitivas relações amorosas se reinstalavam no encontro com o analista. Por fim, seu neto ofereceu-lhe, através do brincar, a chave do enigma da repetição. Diante da ausência da mãe, ele procurou curar-se da dor, tornando-se o senhor dessa ausência ao lançar e recuperar, repetidas vezes, um carretel sustentado em sua mão por um fio, instrumentando a confiança no regresso, através das palavras que simbolizavam a perda e a recuperação do objeto: *fort / da*.

Empédocles lhe apontou as raízes míticas de sua assombrosa descoberta ao afirmar que dois princípios, em permanente conflito, governam o viver: amor e discórdia. O primeiro se esforça para aglomerar as partículas primevas em uma só unidade, e o segundo procura desfazer todas essas fusões. Tais conjecturas, apresentadas em 1920 (Freud, 1920), são relevantes para todos aqueles que se dedicam a pensar o humano, pois é da interação entre essas forças que depende a saúde tanto do sujeito quanto da sociedade.

Para Freud, as conseqüências desse embate dependem, também, do terreno sobre o qual a luta se desenrola. Winnicott, dentre outros, seguiu este viés, descrevendo essa experiência de forma deveras original. A seu ver, o bebê ao nascer, depende incondicionalmente do ambiente e, se este for “suficientemente bom”, a temperança materna em satisfazer e desiludir a onipotência infantil, pouco a pouco promoverá a distinção entre eu e não-eu (Winnicott, 1963). Na teoria winnicottiana, se o meio acolhe o “gesto espontâneo” do bebê (*holding*), sem retaliação, sem mudanças na forma de cuidá-lo, demonstrará a ele sua impossibilidade de controlar/destruir este meio. A sobrevivência do objeto, à agressividade natural do bebê, torna-se o emblema da motilidade/atividade desse bebê e raiz da criatividade. A agressividade só se torna destrutividade, se não for acolhida, pois nesse caso, fantasmaticamente o objeto foi destruído, por perder a confiabilidade (Winnicott, 1969). Portanto, do ponto de vista winnicottiano a falha ambiental promove aquilo que freudianamente seria o canteiro da pulsão de morte.

Se a mãe não for suficientemente boa, tanto a dependência absoluta quanto o seu ultrapassamento, podem gerar profundas feridas narcísicas. Do parto à sepultura

carecemos realizar o trabalho de luto que nos permita continuar escrevendo uma história de amor e superação apesar do som e da fúria. Da perda do oceano uterino à perda do seio; da entrada do terceiro que nos deixa irremediavelmente sós frente aos caprichos da natureza, à insistência de nossos desejos, bem como ao enigma do desejo do Outro; tendo o amor e a discórdia como pano de fundo, procuramos, a cada passo, descobrir o segredo desta quase impossível reconciliação.

2 – Sobre o narcisismo – uma continuação

Vale, então, questionar aquilo que promove tal impossibilidade, em Freud, absolutamente, previsível. Antes mesmo que se tenha uma imagem totalizada do corpo, tendo o olhar do Outro materno como espelho (Winnicott, 1967), vamos, pouco a pouco, estruturando nossa imagem pessoal. O início se dá com a perda da onipotência decorrente da indiscriminação eu/não-eu, daí ser o ódio mais velho que o amor. O que traz prazer pertence ao eu, o que provoca desprazer pertence ao não-eu, ao estrangeiro.

A libido narcísica liberada investirá uma imagem ideal (Freud, 1914), que é herdeira da perfeição originária. A convergência dessa imagem com os ideais da cultura, a que o sujeito pertence, constituirá uma instância diferenciada, o ideal do eu, modelo de virtude com o qual o eu será, então, comparado. Quando for postulada a segunda tópica (Freud 1923), essa instância constituirá a base do conceito de supereu, guardião da lei, instaurado de forma sangrenta, através do parricídio e da identificação com o pai morto (Freud, 1913). Portanto não é sem grande sacrifício da satisfação pessoal que se conquista um palmo de civilização.

A crítica freudiana à moral sexual civilizada se radicaliza à medida que ele avança na investigação sobre o poder e a desmesura da pulsão de morte. Em 1929, Freud afirma que o sentimento de culpa e o supereu derivam do recalque das pulsões agressivas nascidas do complexo de Édipo. O impedimento da satisfação erótica promove um aumento da agressividade contra o agente da interdição, portanto, o rigor do supereu não se origina, apenas, na autoridade externa, mas é fruto, também, de nossa própria agressividade. Por fim, ele admite que os ideais totalizantes já não garantem a constituição do sujeito e que a ruptura das formas antecipadas de produção identitária, promovidas pela tradição, lançam a subjetividade no abismo do desamparo. Este faz emergir em sua obra a figura do masoquismo, uma forma de subjetivação através da

submissão ao outro. O fundamental é ter proteção, a dor é consequência. Do masoquismo à violência, as novas constituições subjetivas são tecidas visando evitá-lo (Birman, 2006).

Lacan (1959/1960) aprofundou as reflexões de Freud postulando o conceito de gozo, que contempla a satisfação da pulsão e não do desejo. Admitiu que o supereu representa uma parte dos mandamentos interiorizados pelo sujeito, embora, evidencie, também, um enunciado discordante em relação à lei pacificadora do simbólico, impulsionando-o a ir além do princípio do prazer. Para ele, Freud se deteve horrorizado diante do mandamento do amor ao próximo, pois viu surgir a maldade profunda que habita o ser humano. O supereu regulador do desejo, tomado pela pulsão de morte, deserta das fileiras do simbólico, e coage o sujeito através de um imperativo: goze!

Portanto, as relações amorosas estão carregadas de hostilidade, nem sempre perceptível por causa do recalçamento. Freudianamente, assim se origina o laço social e a regulação moral: não pela disputa ou partilha de algum objeto, ao contrário, justamente, pela falta dele. Todavia, Winnicott vai ler essa hostilidade de forma particular, enriquecendo o conceito. Ele propõe que se a falha ambiental ocorrer após a discriminação entre eu e não-eu, o sujeito já é capaz de reconhecer o fracasso do meio e não se responsabiliza pelas vicissitudes experimentadas. Sendo assim, é ao ambiente que ele envia a conta, embora nem sempre encontre sucesso nesta empreitada. Através de pequenos problemas somáticos até a franca delinqüência, o ambiente será cobrado a fim de resgatar a falha primitiva, por meio da atenção redobrada: uma “ardilosa” estratégia que ele denominou tendência anti-social (Winnicott, 1956).

3 – Se a alteridade é tão problemática, como aceitar a diferença?

Diante das diversas ferramentas teóricas apresentadas, encaminharei hipóteses que podem ser acatadas ou refutadas e, certamente, sofrerão inúmeros acréscimos, cortes, modificações, ao longo de nossa discussão. A possibilidade de contar a mesma história tornando-a diferente é um tesouro da psicanálise e é tomando a verdade como ficção que busco em outros saberes o ponto de partida para tecer a página que poderá se unir a tantas outras que tratam do amor e do ódio na trama do viver.

Rinaldi (1996), em sua reflexão sobre a ética da diferença, ressalta que a falência dos ideais promoveu a exacerbação do individualismo, a “cultura do narcisismo”, a

expansão da “razão cínica” que explora a distância entre os princípios morais e a sua prática, não por contestação ou transgressão moral, mas para legitimar atividades que a contrariam. Não sendo mais criado a imagem e semelhança de Deus, é como outro especular que o homem vê aquele que chama de semelhante e a agressividade surge, então, como resposta natural a essa estrutura narcísica. Todavia, se a agressividade é natural, a dádiva amorosa, ele reserva para poucos, os “verdadeiramente” semelhantes. O altruísmo tem um caráter narcísico, pois satisfaz ao egoísmo. Rinaldi sublinha, ainda, que a ideologia humanística surgida no século XVIII baseou-se na idéia de que “somos todos semelhantes”, a partir de determinados critérios, excluindo o outro enquanto “diferente”. A universalização promoveu intolerância em relação às particularidades. Perdeu-se a capacidade de acolhimento daquilo que é inassimilável no pensamento daquele que acolhe.

A contribuição de Rinaldi me remete a um filósofo contemporâneo que se dedicou a pensar a crueldade e sua contrapartida, a hospitalidade e o perdão: Jacques Derrida. Ele ensina que a palavra “cruel” (Derrida, 2001), em sua origem latina significa, justamente, sangue derramado - *cruor, crudus, crudelitas*. No entanto, a etimologia da palavra não é suficiente para definir “crueldade”. Ele comenta que Freud utilizou a palavra *Grausamkeit*, para tratar do tema. Esta, sem ligação com derramamento de sangue, designa o desejo de fazer sofrer por sofrer, de matar ou de torturar por torturar, para sentir um prazer psíquico no mal pelo mal, para gozar do mal radical, o que torna difícil determiná-la ou delimitá-la.

Para Freud, pode-se estancar a crueldade sanguinária ou por um fim, ainda que temporário, aos teatros clássicos ou modernos da guerra sangrenta, porém, uma crueldade psíquica aí restará para sempre, inventando novas oportunidades de expressão. Para Derrida trata-se de um “estado da alma” do ser vivente, um horizonte reservado à psicanálise. Somente ela poderia se dedicar a pensar o significado dessa palavra a um só tempo estranha e familiar, essa coisa irreduzível na vida humana que é a crueldade.

Valendo-se da ética e da política, Derrida responde radicalizando o conceito de hospitalidade, propondo uma *amizade ou hospitalidade incondicional* (Derrida, 2003), em oposição à hospitalidade tradicional, segundo a qual, o estrangeiro está submetido às leis da casa. É importante lembrar que *hostis*, em latim, tem um sentido antitético, significando hóspede, mas também hostil, inimigo. Carece pensar uma

alteridade que não se reduza ao eu individual ou à identidade coletiva, alteridade que um eu jamais poderá esgotar, nem interpretar a sua maneira ou segundo seus valores morais. Na amizade e na hospitalidade incondicionais está implicada a acolhida do outro enquanto outro. Trata-se de uma decisão ética de acolher a diferença e, sobretudo, o aprendizado que o contato com o desconhecido proporciona, sem condições pré-estabelecidas. Somos herdeiros de Freud, porém, “a herança é algo complexo e contraditório, trata-se de ser fiel sem dogmatismo e de às vezes contradizer ou construir uma crítica por fidelidade” (Derrida, 2001a p.2).

Sempre houve e haverá diferenças, no entanto, a tentativa de sua eliminação nunca foi tão longe. O perverso reside na busca de aboli-la em lugar de realizar o luto pela perda do ideal de onipotência de ser único. O montante de dor frente a uma perda depende do objeto perdido e Freud sublinha que a perda no luto patológico não se resume ao objeto, trata-se de uma perda no eu (Freud, 1917). Carece desvendar aquilo que se perdeu no que foi perdido. Para Derrida a saída desse impasse reside no perdão, que ele mesmo considera um conceito que está fora do domínio do direito, como é o caso do indulto. O perdão, se existir, também é um conceito incondicional, concedido quando e por que não foi pedido: só se perdoa o imperdoável. Não é possível perdoar o holocausto, o perdão, neste caso, é um gesto político, que permite a reconciliação na polis, entre os homens. Eros integrando aquilo que foi despedaçado por Tanatus.

4– Segredos íntimos

Comecei este arrazoado me valendo da arte, pelo viés da poesia, e para encerrá-lo retorno a ela pela via do cinema. Trata-se da pungente obra do cineasta israelense Avi Nesher intitulada *Segredos Íntimos* (Hasodot, 2007), que trata de forma lírica e consistente daquilo que estamos procurando definir: intolerância e misericórdia. A narrativa contempla o destino de três mulheres que se cruzam em Sfat, antiga cidade de Israel, berço do movimento cabalístico.

As duas mais jovens se dirigiram para um centro de estudos religiosos, ortodoxo, excepcionalmente dedicado ao público feminino. Naomi mora em Israel e busca esse espaço para fugir da dor pela perda da mãe, provavelmente por suicídio, e da proximidade de um casamento arranjado que a levaria a uma vida desperdiçada, semelhante àquela que sua própria mãe vivera. Seu pretendente em tudo se assemelha a

seu pai, a quem nas entrelinhas culpa pela melancolia materna. Por outro lado, identificada com ele, profundo conhecedor da doutrina talmúdica, pretende ser rabinha, para escândalo dos que a cercam. Michelle ou Michal, dependendo se era vista como francesa/estrangeira ou judia, veio da Europa, chegando à escola como a uma instituição correcional. Estaria sendo punida por uma vida irresponsável, talvez uma atitude que Winnicott diagnosticaria como tendência anti-social. Precisava conhecer os preceitos religiosos e, através dessa ética, escolher o seu próprio caminho de bem-viver.

Embora pertencendo a mundos distintos, acabam se aproximando por partilharem o mesmo dormitório, sendo encarregadas de cuidar de Anouk, uma mulher também recém chegada à cidade, acometida de um câncer em estado terminal. Tratava-se de uma pessoa de meia idade, que saíra da cadeia há pouco, onde permanecera por vários anos após assassinar o amante, com quem vivera em Sfat. Sua paixão por esse homem, um pintor medíocre, levava-a a abrir mão de tudo: marido, filhos, família, honra, status social. Com ele viveu uma aventura insólita, servindo de modelo para telas que revelavam sexualidade e violência e que, hoje, a enchem de horror, vergonha e culpa. Ao ser abandonada só lhe restou eliminá-lo. Seus filhos jamais a perdoaram. Apesar de suas insistentes tentativas de contacto, a resposta foi o silêncio. Volta a Sfat para, num ritual cabalístico, mesmo sendo cristã, ser absolvida e morrer em paz. Os religiosos não a aceitam, expulsando-a da Yeshiva. Ela vai, então, se instalar em um pequeno apartamento localizado em frente ao Seminário.

Vale lembrar o texto de Borges. Essa mulher poderia manter o papel venerável de esposa e mãe que conquistara na sociedade, todavia, que objeto representava esse amante no imaginário de Anouk a ponto de levá-la a abdicar de tudo? Sabe-se que, entre seus inocentes papéis havia, não um punhal, porém, um instrumento contundente com o qual ela destruiu o crânio de Joseph. O que ela perdeu ao ser abandonada, a quem ela matou quando o eliminou?

Em uma das visitas das moças, Anouk, começa a se contorcer de dor. Naomi, então, recita um salmo para aliviá-la, o que de fato acontece. Michelle revela que a amiga, em virtude de seus dedicados estudos bíblicos, conhece segredos, como esse, que aliviou seu sofrimento. Anouk implora que Naomi realize com ela o Tikun, o ritual de purificação. Relutante, todavia, estimulada pela insistência da amiga, Naomi acaba aceitando. Lembremos, aqui, a afirmação de Derrida: a herança é matéria complexa e contraditória. A fidelidade a ela deve estar livre do dogmatismo. Tratava-se de uma

decisão ética: pelas leis morais ela estava cometendo uma heresia, porém, como ser humano estava agindo por misericórdia.

O Tikun se realizaria em várias etapas, começando por um banho ritual. Tratando-se de uma transgressão, especialmente porque neste lugar sagrado, dedicado a Santo Ari, era proibida a entrada de mulheres, a discricção era fundamental. De volta à casa de Anouk, Naomi descobre, com surpresa, que ela é cristã, observando uma foto da mulher, rodeada pelos dois filhos, usando um crucifixo em seu cordão: mais uma heresia. Retorno a Derrida quando ele trata da hospitalidade incondicional: a porta fica aberta para o outro radical. Não é o amigo, nem o parente ou aquele com quem partilhamos a língua ou as tradições. É radicalmente o estranho. Novamente, por misericórdia, Naomi, acolhe a estrangeira e aceita dar continuidade ao Tikun.

As atividades das moças são descobertas por suas companheiras de quarto Shine e Sigi, que resolvem acompanhá-las. Anouk, vestindo uma túnica cujo tecido lhe dilacerava a pele, sofrendo na carne pelos crimes da carne, queimará os quadros eróticos, admitindo em voz alta seu arrependimento pelas faltas cometidas: ter abandonado os filhos, a maior de todas elas; ter tirado a vida de um ser humano, fato que não avaliara durante anos; ter se exposto de forma obscena. Porém, jamais se arrependeria de ter amado Joseph, pois amar não carece de perdão. Sigi interrompe a cerimônia, indignada, pois, se ela não se penitencia por esse amor, nada será perdoado. Instaure-se a discórdia e, ao voltar para o Seminário, Sigi denuncia as companheiras que ficam proibidas de se aproximar de Anouk.

Esta as aguarda ansiosa. Seu quadro piora, sendo internada. Era imperioso que o Tikun fosse terminado com urgência, pois a vida dela estava por um fio. Teria que ser às escondidas, naquela noite, no hospital. Era *Shabat!* Impossível receber um telefonema do CTI, sequer ligar o celular, mais ainda, sair à rua: dilema intransponível somente ultrapassado pela misericórdia. Naomi e Antígona se cruzaram. Repetia-se o mesmo gesto que levou a filha de Tebas a enterrar os irmãos, pondo em risco a própria vida, para honrar a lei dos deuses, desobedecendo a ordem de Creonte. Durante o jantar soa o chamado fatídico. Ambas se precipitam em direção ao hospital, acolhendo Anouk em seus últimos momentos. O perdão chega através da identificação com o amor que as moças lhe dedicaram e ela parte nos braços de suas salvadoras, castigadas com a expulsão do Seminário.

É óbvio que estou fazendo apenas um recorte dentro da complexidade dessa obra que merece uma atenção bem maior do que está recebendo neste arrazoado. Pincei, apenas, dentro dela, aquilo que é útil para minha argumentação. Naomi e Michelle, como se fossem os filhos de Anouk, como a jovem que ela já foi um dia, se inclinam sobre seu sofrimento e, assim como a palavra de descrédito e abandono levou-a ao crime a palavra de acolhimento, aceitação sem retaliação, como propõe Winnicott, levou-a ao perdão. A estrangeira desonrada encontrou a hospitalidade que permitiu acolher em si mesma os vivos e os mortos, o ódio pelo que perdeu, porém, a aposta de que este ódio é uma prisão mais torturante e opressora do que os muros de qualquer penitenciária e, somente através do amor do outro o sujeito se sente capaz de amar por ser amado.

Este é o nosso impossível ofício. Engendrar com nosso paciente um terceiro espaço, no dizer de Winnicott, o espaço da realidade compartilhada (Winnicott, 1971). Espaço que varia de paciente para paciente, cujo fundamento reside na confiança que a mãe/analista inspira no bebê/paciente. Confiança que deverá ser experimentada para que as vicissitudes da separação entre eu / não-eu possam ser ultrapassadas e os embates da sexualidade e da destrutividade não perturbem o gesto espontâneo. Enfim, que entre flores e punhais, alcancemos a reconciliação possível.

On reconciliation – reflections about love and hate

Abstract: *The author reflects about the fight between love and hate in the constitution of subjectivity. She's supported by the contribution of Winnicott on the concept of holding and by the Jacques Derrida's development of the concept of Hospitality, so that this aim is accomplished. The movie from the israeli director Avi Nesher, Segredos Íntimos (Hasodot, 2007), is used to illustrate her discussion.*

Key-words: *Love / hate / holding / Hospitality (Derrida) / reconciliation*

Resumen: *La autora hace una reflexión sobre los embates entre el amor y el odio en la constitución de la subjetividad. Se apoya en la contribución de Winnicott sobre el concepto de holding y en las consideraciones de Jacques Derrida sobre el concepto de Hospitalidad, para alcanzar este objetivo. Se utiliza de la película del director israelí Avi Nesher, Secretos Íntimos (Hasodot, 2007), para ilustrar su argumentación.*

Palabras claves: *Amor / Ódio / holdinh / Hospitalidad (Derrida) / reconciliación*

Referências

- Birman, J. (2006) *A psicanálise e a crítica da modernidade* In J. Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Record
- Borges, J.L. (1999) *O Punhal in Obras Completas I*. São Paulo:Globo,.
- Derrida, J. (2001) *Estados-da-alma da psicanálise – o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta
- Derrida, J. “A solidariedade dos seres vivos” (2001a). Versão completa da entrevista realizada por Evandro Nascimento com Jacques Derrida, publicada no suplemento “Mais!” Da Folha de São Paulo, em 27/05/2001
- Derrida, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar sobre Da Hospitalidade*. São Paulo, Escuta, 2003
- Freud, S. (1913/1972) *Totem e Tabu* In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro, Imago,
- Freud, S. (1914/1972) *Sobre o narcisismo– uma introdução* (1914) In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1917/1972) *Luto e Melancolia* In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro, Imago
- Freud, S. (1920/1972) *Mais além do princípio do prazer*. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro, Imago
- Freud, S. (1923/1972) *O ego e o id*. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro, Imago
- Freud, S. (1929/1972) *O mal-estar na civilização*. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro, Imago
- Lacan, J. ([1959/1960]1991). *O Seminário, Livro 7, A ética da psicanálise* Rio de Janeiro:Jorge Zahar
- Rinaldi, D. (1996) *A ética da diferença – um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Winnicott, D. W. (1953/ 1975) Objetos e fenômenos transicionais. In D. W Winnicott, *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago

Winnicott, D. W.(1956/1978) A tendência anti-social. In D. W Winnicott *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves

Winnicott, D. W. (1963/1983) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo In D. W Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre:Artes Médicas

Winnicott, D. W(1967/1975) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil In D. W Winnicott *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago

Winnicott, D. W(1969/1975) O uso de um objeto e relacionamento através de identificações In D. W Winnicott *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago,

Winnicott, D. W(1971/1975) O lugar em que vivemos In D. W Winnicott *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago

Aida Ungier
Av. Henrique Dodsworth 180/602
Tel.: (21) 22394068 | E.mail: aidaungier@globo.com